

Aula 6 – O sistema de Aristóteles

1 – Posteridade dos escritos de *Aristóteles*

	Strab.13.54
<p>ἐκ δὲ τῆς Σκήψεως οἱ τε Σωκρατικοὶ γέγονασιν Ἐραστός καὶ Κορίσκος καὶ ὁ τοῦ Κορίσκου υἱὸς Νηλεύς, ἀνὴρ καὶ Ἀριστοτέλους ἠκροαμένος καὶ Θεοφράστου, διαδεγμένος δὲ τὴν βιβλιοθήκην τοῦ Θεοφράστου, ἐν ἧ ἦν καὶ ἡ τοῦ Ἀριστοτέλους: ὁ γοῦν Ἀριστοτέλης τὴν ἑαυτοῦ Θεοφράστῳ παρέδωκεν, ὥπερ καὶ τὴν σχολὴν ἀπέλιπε, πρῶτος ὧν ἴσμεν συναγαγὼν βιβλία καὶ διδάξας τοὺς ἐν Αἰγύπτῳ βασιλέας βιβλιοθήκης σύνταξιν. Θεόφραστος δὲ Νηλεῖ παρέδωκεν: ὁ δ' εἰς Σκῆψιν κομίσας τοῖς μετ' αὐτὸν παρέδωκεν, ἰδιώταις ἀνθρώποις, οἱ κατάκλειστα εἶχον τὰ βιβλία οὐδ' ἐπιμελῶς κείμενα:</p>	<p>De Escépsis vieram os filósofos socráticos Erasto e Corsco e Neleu, filho de Corisco, este um homem que foi não apenas um discípulo de Aristóteles e de Teofrasto, mas que também herdou a biblioteca de Teofrasto, que incluía a de Aristóteles. De todo modo, Aristóteles deixou sua própria biblioteca para Teofrasto, para quem ele também deixou sua escola; e ele é o primeiro homem, que eu saiba, a ter colecionado livros e ensinado para os reis no Egito como organizar uma biblioteca. Teofrasto a deixou para Neleu; e Neleu a levou para Escépsis e a deixou para seus herdeiros, pessoas comuns, que mantiveram os livros trancados e nem mesmo bem guardados.</p>

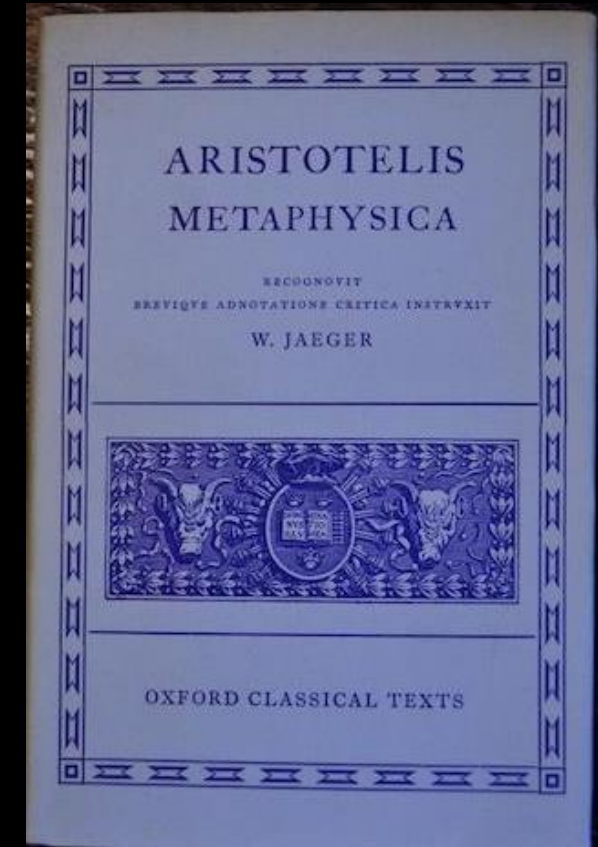
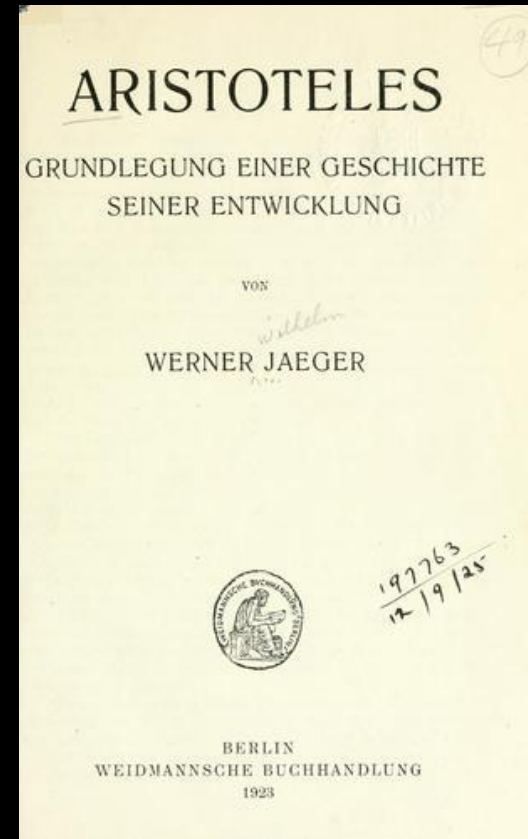
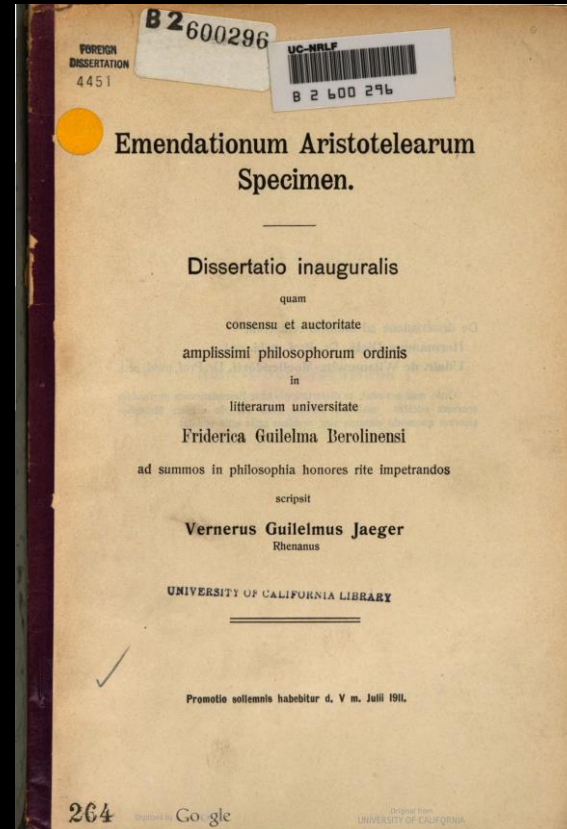
	Strab.13.54
<p>ἐπειδὴ δὲ ἤσθοντο τὴν σπουδὴν τῶν Ἀτταλικῶν βασιλέων ὑφ' οἷς ἦν ἡ πόλις, ζητούντων βιβλία εἰς τὴν κατασκευὴν τῆς ἐν Περγάμῳ βιβλιοθήκης, κατὰ γῆς ἔκρυψαν ἐν διώρυγί τινι: ὑπὸ δὲ νοτίας καὶ σιτῶν κακωθέντα ὁπότε ἀπέδοντο οἱ ἀπὸ τοῦ γένους Ἀπελλικῶντι τῷ Τηίῳ πολλῶν ἀργυρίων τὰ τε Ἀριστοτέλους καὶ τὰ τοῦ Θεοφράστου βιβλία: ἦν δὲ ὁ Ἀπελλικῶν φιλόβιβλος μᾶλλον ἢ φιλόσοφος: διὸ καὶ ζητῶν ἐπανόρθωσιν τῶν διαβρωμάτων εἰς ἀντίγραφα καινὰ μετήνεγκε τὴν γραφὴν ἀναπληρῶν οὐκ εὖ, καὶ ἐξέδωκεν ἀμαρτάδων πλήρη τὰ βιβλία.</p>	<p>Porém, quando eles ouviram o quão desejosamente os reis atálicos, a quem a cidade estava sujeita, buscavam por livros para construir uma biblioteca em Pérgamo, eles esconderam os livros no porão em uma espécie de trincheira. Porém, muito mais tarde, quando os livros haviam sido danificados por umidade e traças, seus descendentes os venderão a Apelição de Teos por muito dinheiro, tanto os livros de Aristóteles como os de Teofrasto. Porém, Apelição era um bibliófilo antes que um filósofo; e, assim, buscando restaurar as partes que haviam sido deterioradas, ele fez novas cópias do texto, preenchendo incorretamente as lacunas, e publicou os livros cheios de erros.</p>

	Strab.13.54
<p>συνέβη δὲ τοῖς ἐκ τῶν περιπάτων τοῖς μὲν πάλαι τοῖς μετὰ Θεόφραστον οὐκ ἔχουσιν ὅλως τὰ βιβλία πλὴν ὀλίγων, καὶ μάλιστα τῶν ἐξωτερικῶν, μηδὲν ἔχειν φιλοσοφεῖν πραγματικῶς, ἀλλὰ θέσεις ληκυθίζειν: τοῖς δ' ὕστερον, ἀφ' οὗ τὰ βιβλία ταῦτα προῆλθεν, ἄμεινον μὲν ἐκείνων φιλοσοφεῖν καὶ ἀριστοτελίζειν, ἀναγκάζεσθαι μέντοι τὰ πολλὰ εἰκότα λέγειν διὰ τὸ πλῆθος τῶν ἁμαρτιῶν.</p>	<p>O resultado foi que a mais antiga escola dos peripatéticos, que veio depois de Teofrasto, não tinha livros, com a exceção de alguns poucos, sobretudo livros exotéricos, e assim não podiam filosofar sobre nada de forma prática, mas apenas declamar lugares comuns, enquanto a escola mais tardia, desde quando os livros em questão apareceram, embora mais bem apta a filosofar e aristotelizar, foi forçada a chamar a maior parte de suas afirmações probabilidades, devido ao grande número de erros.</p>

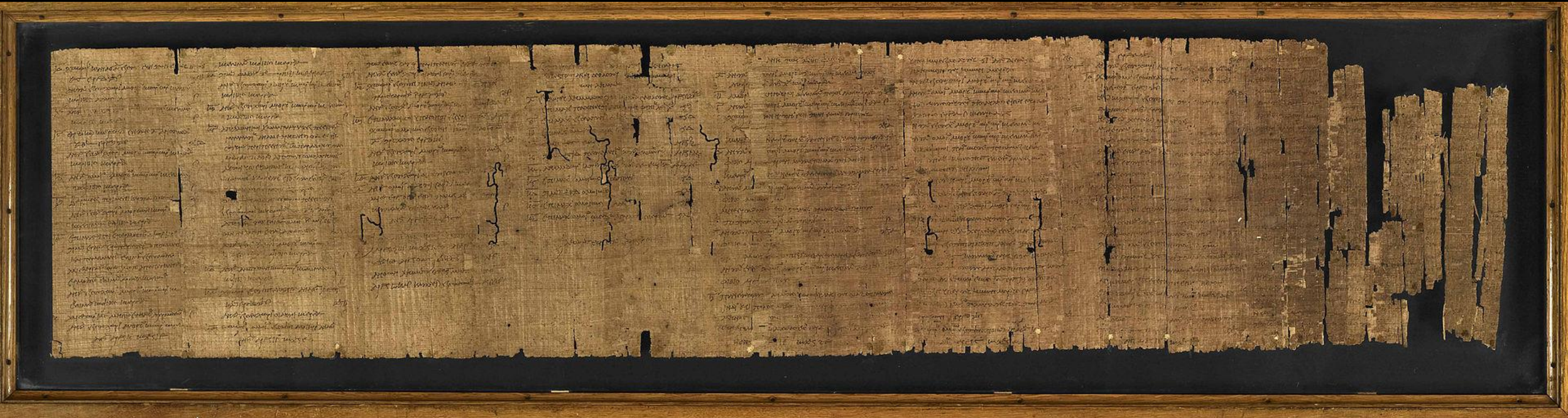
	Strab.13.54
<p>πολὸν δὲ εἰς τοῦτο καὶ ἡ Ῥώμη προσελάβετο: εὐθὺς γὰρ μετὰ τὴν Ἀπελλικῶντος τελευτὴν Σύλλας ἦρε τὴν Ἀπελλικῶντος βιβλιοθήκην ὃ τὰς Ἀθήνας ἐλὼν, δεῦρο δὲ κομισθεῖσαν Τυραννίων τε ὁ γραμματικὸς διεχειρίσατο φιλαριστοτέλης ὄν, θεραπεύσας τὸν ἐπὶ τῆς βιβλιοθήκης, καὶ βιβλιοπῶλαί τινες γραφεῦσι φαύλοις χρώμενοι καὶ οὐκ ἀντιβάλλοντες, ὅπερ καὶ ἐπὶ τῶν ἄλλων συμβαίνει τῶν εἰς πρᾶσιν γραφομένων βιβλίων καὶ ἐνθάδε καὶ ἐν Ἀλεξανδρείᾳ. περὶ μὲν οὖν τούτων ἀπόχρη.</p>	<p>Roma também contribuiu bastante para isso, pois, imediatamente após a morte de Apelição, Sula, que havia tomado Atenas, levou embora a biblioteca de Apelição para Roma, onde Tiranião, o gramático, que gostava de Arsitóteles, a conseguiu tê-lo em suas mãos, adulando o bibliotecário, como também o fizeram alguns vendedores de livros que usaram maus copistas e não conferiam os textos – algo que também acontece no caso de outros livros que foram copiados para a venda, tanto aqui como em Alexandria. Mas chega de falar deles.</p>

	Plut.Sull.26.1-2.
<p>ἀναχθεὶς δὲ πάσαις ταῖς ναυσὶν ἐξ Ἐφέσου τριταῖος ἐν Πειραιεῖ καθωρμίσθη καὶ μνηθεὶς ἐξεῖλεν ἑαυτῷ τὴν Ἀπελλικῶνος τοῦ Τηΐου βιβλιοθήκην, ἐν ἣ τὰ πλεῖστα τῶν Ἀριστοτέλους καὶ Θεοφράστου βιβλίων ἦν, οὐπω τότε σαφῶς γνωριζόμενα τοῖς πολλοῖς, λέγεται δὲ κομισθείσης αὐτῆς εἰς Ῥώμην Τυραννίωνα τὸν γραμματικὸν ἐνσκευάσασθαι τὰ πολλά, καὶ παρ' αὐτοῦ τὸν Ῥόδιον Ἀνδρόνικον εὐπορήσαντα τῶν ἀντιγράφων εἰς μέσον θεῖναι καὶ ἀναγράψαι τοὺς νῦν φερομένους πίνακας,</p>	<p>Tendo embarcado com todos os seus barcos de Éfeso, ele [Sula] aportou no Pireu no terceiro dia e foi iniciado nos mistérios e tomou para si a biblioteca de Apelição de Teos, em que estava a maioria dos livros de Aristóteles e de Teofrasto, naquela época ainda não conhecidos do público. Diz-se, contudo, que, tendo ela sido levada a Roma, o gramático Tiranião ordenou a maior parte deles, e que por meio dele Andrônico de Rodes recebeu cópias deles e os publicou e preparou as listas [dos livros] hoje correntes.</p>
<p>[2] οἱ δὲ πρεσβύτεροι Περιπατητικοὶ φαίνονται μὲν καθ' ἑαυτοὺς γενόμενοι χαρίεντες καὶ φιλόλογοι, τῶν δὲ Ἀριστοτέλους καὶ Θεοφράστου γραμμάτων οὔτε πολλοῖς οὔτε ἀκριβῶς ἐντετυχηκότες διὰ τὸ τὸν Νηλέως τοῦ Σκηψίου κληρὸν, ὃ τὰ βιβλία κατέλιπε Θεόφραστος, εἰς ἀφιλοτίμους καὶ ἰδιώτας ἀνθρώπους περιγενέσθαι.</p>	<p>Os antigos peripatéticos parecem ter sido eles mesmos excelentes e eruditos, mas não parecem ter conhecido dos escritos de Aristóteles e Teofrasto nem em grande quantidade nem com exatidão, pois a propriedade de Neleu de Escépsis, a que Teofrasto deixou os livros, caiu nas mãos de pessoas descuidadas e iletradas.</p>

Werner Jaeger (1888-1961)



Uma obra exotérica (parcialmente) reencontrada?



Papiro London, BL, 131 (*Athenaion politeia*)

2 – O *corpus* aristotélico (obras esotéricas)

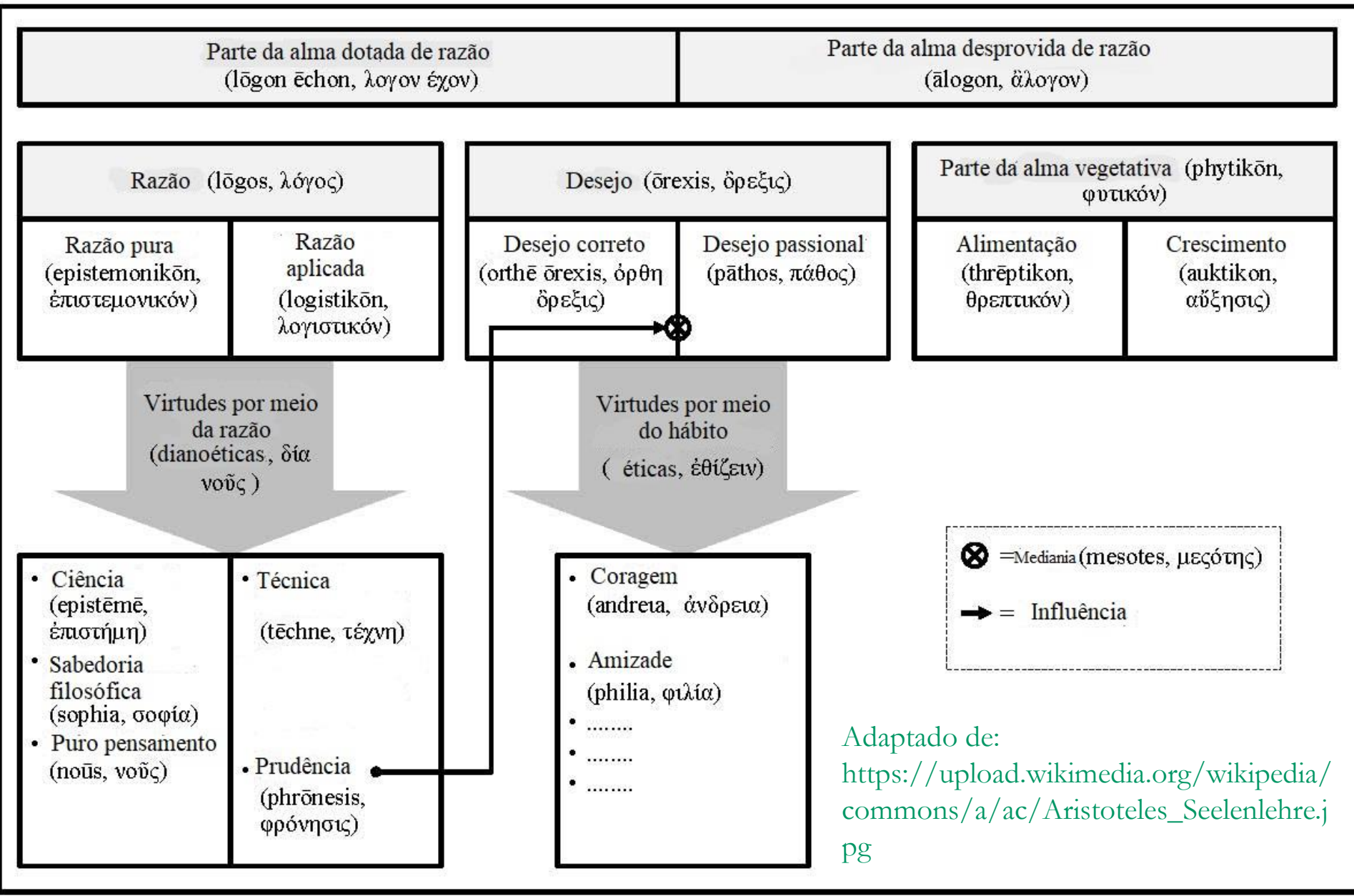
Opere di logica (ivi comprese la linguistica e la dialettica)	<i>Categorie, De interpretatione</i> (che non significa “interpretazione”, ma “espressione” o “enunciazione”), <i>Analitici Primi, Analitici Secondi, Topici e Confutazioni sofistiche</i> .
Opere di filosofia della natura (fisica)	<i>Fisica, De caelo, De generatione et corruptione, Metereologica, De anima, Parva naturalia</i> (piccoli trattati di storia naturale, su argomenti di carattere psicofisico), <i>Historia animalium</i> (<i>Ricerche sugli animali</i>), <i>De partibus animalium</i> (<i>Le parti degli animali</i>), <i>De incessu animalium</i> (<i>La locomozione degli animali</i>), <i>De generatione animalium</i> (<i>La generazione degli animali</i>), <i>De motu animalium</i> (<i>Il moto degli animali</i>).
<i>La Metafisica</i>	In 14 libri, in cui Aristotele studia la scienza da lui chiamata “filosofia prima” in tutte le sue possibili accezioni. Questa scienza verrà poi detta “metafisica” proprio sulla base di quest’opera di Aristotele, ma il termine gli era sconosciuto, e anche il titolo non è suo. “Metafisica” significa letteralmente “cose che vengono dopo quelle fisiche”, e ciò deve essere probabilmente riferito sia all’ordine delle opere aristoteliche sia alla gerarchia degli oggetti di ricerca (quelli studiati dalla metafisica sono più elevati di quelli studiati dalla fisica).
Opere di filosofia pratica (morale e politica)	<i>Etica Nicomachea, Etica Eudemia</i> (la terza etica contenuta nel <i>corpus</i> aristotelico, i cosiddetti <i>Magna moralia</i> , quasi certamente non è autentica), <i>Politica, Costituzione degli Ateniesi</i> .
Opere riguardanti le scienze poietiche (o produttive)	<i>Poetica e Retorica</i> .

F. TRABATTONI. *Storia della filosofia antica*: II. Platone e Aristotele. Roma: Carocci, 2016, p. 177.

3 – A alma aristotélica

O que é a alma?

	Ar.An.2.1.412a
ἀναγκαῖον ἄρα τὴν ψυχὴν οὐσίαν εἶναι ὡς εἶδος σώματος φυσικοῦ δυνάμει ζῶν ἔχοντος. ἢ δ' οὐσία ἐντελέχεια· τοιούτου ἄρα σώματος ἐντελέχεια.	É necessário então que a alma seja uma substância como a forma de um corpo natural que tem potencialmente vida. A substância é realização. Então, ela é a realização de um tal corpo.
	Ar.Met.7.10.1035b
ἐπεὶ δὲ ἡ τῶν ζῴων ψυχὴ [15] (τοῦτο γὰρ οὐσία τοῦ ἐμψύχου) ἢ κατὰ τὸν λόγον οὐσία καὶ τὸ εἶδος καὶ τὸ τί ἦν εἶναι τῷ τοιῷδε σώματι	Pois que a alma dos animais (esta é a substância dos animados) é a substância formal e a forma e aquilo que faz daquele tipo de corpo aquilo que ele é...
	Ar.Met.7.10.1037a
δῆλον δὲ καὶ ὅτι ἡ μὲν ψυχὴ οὐσία ἡ πρώτη, τὸ δὲ σῶμα ὕλη, ὁ δ' ἄνθρωπος ἢ τὸ ζῷον τὸ ἐξ ἀμφοῖν ὡς καθόλου	Está claro que a alma é a substância primeira, o corpo a matéria, e o homem ou o animal o composto dos dois tomado universalmente.



4 – As 5 virtudes dianoéticas

	Ar.Nic.6.3.1139b
ἔστω δὴ οἷς ἀληθεύει ἡ ψυχὴ τῶ καταφάναι ἢ ἀποφάναι, πέντε τὸν ἀριθμόν· ταῦτα δ' ἐστὶ τέχνη ἐπιστήμη φρόνησις σοφία νοῦς· ὑπολήψει γὰρ καὶ δόξῃ ἐνδέχεται διαψεύδεσθαι.	Dê-se por estabelecido que as disposições em virtude das quais a alma possui a verdade, quer afirmando, quer negando, são em número de cinco: a técnica, o conhecimento científico, a prudência, a sabedoria filosófica e a razão intuitiva (não incluímos o juízo e a opinião porque estes podem enganar-se). (trad. Leonel Vallandro e Gerd Bornheim, adaptada)

A ciência

	Ar.Nic.6.3.1139b
<p>ἐπιστήμη μὲν οὖν τί ἐστίν, ἐντεῦθεν φανερόν, εἰ δεῖ ἀκριβολογεῖσθαι καὶ μὴ ἀκολουθεῖν ταῖς ὁμοίτησιν. πάντες γὰρ ὑπολαμβάνομεν, ὃ ἐπιστάμεθα, μηδ' ἐνδέχεσθαι ἄλλως ἔχειν· τὰ δ' ἐνδεχόμενα ἄλλως, ὅταν ἔξω τοῦ θεωρεῖν γένηται, λανθάνει εἰ ἔστιν ἢ μή. ἐξ ἀνάγκης ἄρα ἐστὶ τὸ ἐπιστητόν. αἰδίων ἄρα· τὰ γὰρ ἐξ ἀνάγκης ὄντα ἀπλῶς πάντα αἰδία, τὰ δ' αἰδία ἀγένητα καὶ ἄφθαρτα.</p>	<p>Ora, o que seja a ciência, se quisermos exprimir-nos com exatidão e não nos guiar por meras analogias, evidencia-se pelo que se segue. Todos nós supomos que aquilo que sabemos não é capaz de ser de outra forma. Quanto às coisas que podem ser de outra forma, não sabemos, quando estão fora do nosso campo de observação, se existem ou não existem. Por conseguinte, o objeto de conhecimento científico existe necessariamente; donde se segue que é eterno, pois todas as coisas que existem por necessidade no sentido absoluto do termo são eternas, e as coisas eternas são ingênicas e imperecíveis.</p> <p>(trad. Leonel Vallandro e Gerd Bornheim, adaptada)</p>

A técnica

	Ar.Nic.6.4.1140a
<p>ἐπεὶ δ' ἡ οἰκοδομικὴ τέχνη τίς ἐστι καὶ ὄπερ ἕξις τις μετὰ λόγου ποιητικὴ, καὶ οὐδεμία οὔτε τέχνη ἐστὶν ἥτις οὐ μετὰ λόγου ποιητικὴ ἕξις ἐστίν, οὔτε τοιαύτη ἢ οὐ τέχνη, ταῦτόν ἂν εἴη τέχνη καὶ ἕξις μετὰ λόγου ἀληθοῦς ποιητικὴ. ἔστι δὲ τέχνη πᾶσα περὶ γένεσιν καὶ τὸ τεχνάζειν καὶ θεωρεῖν ὅπως ἂν γένηται τι τῶν ἐνδεχομένων καὶ εἶναι καὶ μὴ εἶναι, καὶ ὧν ἡ ἀρχὴ ἐν τῷ ποιοῦντι ἀλλὰ μὴ ἐν τῷ ποιουμένῳ.</p>	<p>Ora, como a arquitetura é uma técnica, sendo essencialmente uma capacidade raciocinada de produzir, e nem existe técnica alguma que não seja uma capacidade desta espécie, nem capacidade desta espécie que não seja uma técnica, segue-se que a técnica é idêntica a uma capacidade de produzir que envolve o reto raciocínio. Toda técnica visa à geração e se ocupa em inventar e em considerar as maneiras de produzir alguma coisa que tanto pode ser como não ser, e cuja origem está no que produz, e não no que é produzido.</p> <p>(trad. Leonel Vallandro e Gerd Bornheim, adaptada)</p>

A prudência

	Ar.Nic.6.5.1140b
οὐκ ἂν εἴη ἡ φρόνησις ἐπιστήμη οὐδὲ τέχνη, ἐπιστήμη μὲν ὅτι ἐνδέχεται τὸ πρακτὸν ἄλλως ἔχειν, τέχνη δ' ὅτι ἄλλο τὸ γένος πράξεως καὶ ποιήσεως. λείπεται ἄρα αὐτὴν εἶναι ἕξιν ἀληθῆ μετὰ λόγου πρακτικὴν περὶ τὰ ἀνθρώπων ἀγαθὰ καὶ κακά.	... a prudência não pode ser ciência, nem técnica: nem ciência, porque aquilo que se pode fazer é capaz de ser diferentemente, nem técnica, porque o agir e o produzir são duas espécies diferentes de coisa. Resta, pois, a alternativa de ser ela uma capacidade verdadeira e raciocinada de agir com respeito às coisas que são boas ou más para o homem. (trad. Leonel Vallandro e Gerd Bornheim, adaptada)

O problema do *nous*...

“O capítulo sexto introduz novamente o *nous* e pretende elaborar aquele dar-se conta racional dos pontos de partida ou princípios – os pressupostos de todo saber demonstrativo. Esta é uma introdução extremamente apropriada ao papel do *nous*. Repousa, por assim dizer nesse modo de proceder exaustivo aquele sabe que realiza a tomada de consciência e o dar-se conta dos princípios.”

(H.-G. GADAMER. Introduzione. In: ARISTOTELE. *Ethica nicomachea*: libro VI [1998]. Trad. Genova: Il Melangolo, 2002, p. 21.)

... e da *sophia*

“Nesse sentido, a caracterização da sabedoria que Aristóteles propõe conduz, em conclusão, ao saber acabado em si mesmo e capaz de abarcar inteiramente todos os outros saberes, dos fundamentos supremos das *archai*.”

(H.-G. GADAMER. Introduzione. In: ARISTOTELE. *Ethica nicomachea*: libro VI [1998]. Trad. Genova: Il Melangolo, 2002, p. 23.)

“A outra virtude dianoética, a mais elevada... é a sapiência (*sophia*). A sapiência... diz respeito ao que está acima do homem. [...] Noutros termos: a sapiência coincide com as ciências teóricas e, antes, de modo especial, com a mais elevada delas, vale dizer, a metafísica.”

(G. REALE. *Aristóteles* [1975-1980]. Trad. São Paulo: Loyola, 2013, p. 111.)

Uma última palavra sobre a técnica...

“A *techné* visa assim ao geral apenas para atingir seu fim, que é a produção. Ela é conseqüentemente *poética* (ποιητική), e não apenas *teorética* (θεωρητική). Mas, se ela é poética, ela não é *prática* (πρακτική); pois ela não tem relação com a conduta, moral ou imoral, da vida. Não se deve portanto confundi-la com a prudência (φρόνησις), que é a sabedoria *prática*. Distinta da prática, ela não é tampouco ciência (ἐπιστήμη). Esta tem por objeto a essência; ela é teorética; pois o conhecimento científico não tem outro fim que a si mesmo. Na *techné*, o conhecimento tem um fim diferente de si mesmo, a produção. A palavra *techné* é frequentemente aproximada de *faculdade* (δύναμις). A *techné* é é faculdade de criar, ou antes, ela guia e sustenta, pelo seu método, nossa faculdade criadora.”

(M. DUFOUR. Introduction. In: ARISTOTE. *Rhétorique*: tome premier, livre I. Ed. M. Dufour. Paris: Les Belles Lettres, 1932, p. 5-25, aqui p. 30-31.)